

AMARANTE (Padronelo)

Para chegar ao Paço de Dona Loba deve tomar, em Amarante, a EN 15, que conduz a Padronelo, vila que se localiza a apenas 3,1 km. Pouco depois de se passar Padronelo, ao km 64, deve tomar, à mão direita, a EN 101-5 e, a partir desta, cortando agora à mão esquerda, seguir pela "Rua do Paço de Dona Loba". As ruínas do Paço ficam a umas centenas de metros e estão devidamente sinalizadas.

Paço de Dona Loba

O PAÇO DE DONA LOBA apresenta uma notável integração na paisagem, a ponto de passar despercebido a quem circula na autoestrada A4. Foi construído numa pequena colina, rodeado de montes que atingem cotas muito mais elevadas. A primeira referência que se conhece para esta estrutura arquitetónica é a descrição do Pe. António Carvalho da Costa que, na *Corografia Portuguesa*, editada em 1706, registou: ... *Aqui no lugar de Mór Milheiro está huma Torre, aonde dizem morava Dona Loba Mendez, filha de Dom Mem de Gundar, & mulher que foy de Diogo Bravo de Riba de Minho. Vinte anos volvidos, Francisco Xavier da Serra Craesbeeck referiu-se de novo à Torre de Mormilheiro, nas Memórias Ressuscitadas da Província de Entre-Douro-e-Minho no Ano de 1726, legando-nos a mais preciosa*

das descrições antigas. Nas suas palavras, ... no lugar de Mór Milheiro, está huma grande casa, cujos vestígios mostram huma grande antiguidade, e a porta (que ainda se conserva) he no meio, de 15 palmos de alto e nas ilbargas de 11 e de largo 14, e a torre tem de alto 40 palmos e de largo, na frontaria da porta, 78, e pella direita tem de largo 36 e da parte esquerda 28. Mostra ser de dous sobrados, tudo de pedra-ria antiga lavrada... E acrescentava: "(...) e nella disem vivera D. Loba Mendez, mulher de Diogo Bravo de Riba de Visella e filha de D. Mem de Gundar, fidalgo das Asturias, que se achou com o Conde D. Henrique e foi muito bom cavaleiro e honrado, e casado em Galisa com huma senhora illustre, chamada D. Goda...". Segundo o seu testemunho, em 1726 o Paço ainda tinha 40 palmos de altura (ou seja, 8,80 m) e 78 palmos de largura de fachada (17,16 m), oscilando a sua largura entre 7,92 m e 6,16 m. Nas



Vista geral

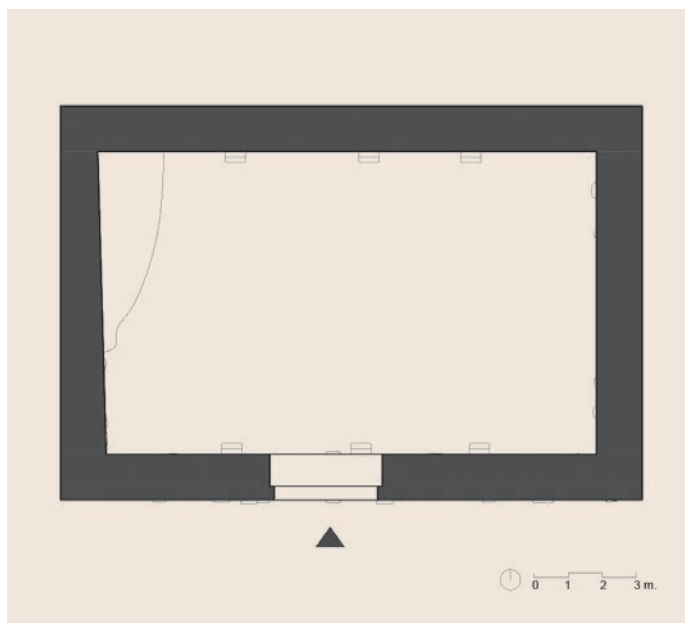
Memórias Paroquiais de 1758, onde o testemunho é substancialmente menos pormenorizado, refere-se a prática de se retirarem silhares do Paço para a construção de casas do lugar da Torre, nas suas imediações, o que explica o estado de ruína em que hoje se encontra. Nessa altura ainda estavam em pé os três arcos formeiros no interior do Paço.

Atualmente a construção apresenta uma largura de 17,31 m (na parede voltada a sul) e 17,01 m (na parede voltada a norte, que é a fachada principal). A sua largura oscila entre os 11,44 m (na parede oeste) e os 11,12 m (na parede leste). As paredes, de dupla face, foram construídas com silhares de granito, sem siglas, apresentando uma espessura que varia entre 1,28 m e 1,40 m e elevando-se até 7,5 m. A estrutura retangular que sobrevive corresponde ao piso térreo da construção, que foi erguida adossada aos afloramentos graníticos. Não apresenta qualquer abertura para além da porta de ingresso – uma porta dotada de arco rebaixado ou abatido, formado por 12 aduelas –. Esta opção tipológica é pouco comum na arquitetura medieval portuguesa, muito embora não seja de todo desconhecida. Sublinhemos, ainda, a ausência de encaixes para as tranças, nas ombreiras da porta, e a presença de dois capitéis no exterior, à cota superior das aduelas, onde deveria funcionar alguma estrutura de madeira. Uma série de encaixes (negativos) nas paredes indicam que o Paço era dotado de uma pequena estrutura de madeira, que Sónia Macedo

interpretou como um hurdício e que nós entendemos que deveria ser antes um alpendre. A ausência de aberturas (frestas ou janelas) e a singularidade tipológica da porta suscitam muitas dúvidas no que concerne à datação desta estrutura residencial. No seu interior, a uma cota elevada, encontram-se seis mísulas (três em cada parede mais larga) de apoio para três arcos formeiros. O perfil dessas mísulas e do arranque dos arcos revelaram que, para respeitar a inclinação do arranque do arco e vencer o vão, os arcos formeiros teriam de ser ligeiramente rebaixados – isto é, teriam o seu centro geométrico ligeiramente abaixo da linha de arranque das primeiras aduelas. Era sobre estes arcos que se apoiavam as *traves pera o seu soalho* ainda mencionadas nas *Memórias Paroquiais* de 1758? Não sabemos, mas temos algumas dúvidas. Com efeito, os cálculos realizados revelam que o ponto central dos arcos formeiros se elevava a 9 m de altura. A existência de um piso térreo com esta altura é profundamente anómala e pouco provável numa estrutura residencial. Não havia, de resto, espaço disponível para lançar uma escada de acesso a um pavimento localizado a uma cota tão elevada. Julgamos, por isso, que o pavimento do piso superior se apoiava numa série de pedras salientes que se conservam abaixo do arranque das mísulas, o que daria um piso térreo com um pé-direito de 5 m. A ser assim, os arcos formeiros estariam relacionados com o sistema de cobertura da estrutura, provavelmente um telhado



Porta de entrada



Planta

de duas águas. Os estudos realizados recentemente sugerem, ainda, que esses três arcos eram *arcos-diafragma*. A zona geográfica onde o paço se inclui foi, como se sabe, bastante recetiva ao uso de arcos-diafragma na arquitetura religiosa ducentista. Estranhamente, na estereotomia dos muros do piso térreo não sobrevive qualquer indício sobre

o local onde se erguia a escada de acesso ao primeiro andar. Sublinhemos, ainda, que, tratando-se de uma estrutura residencial, não se reconhece o negativo de qualquer lareira e que o espaço se preservou, aparentemente, uno (isto é, sem divisões internas).

Durante muito tempo a estrutura do Paço de Dona Loba resumia-se a este retângulo pétreo que acabamos de descrever. O acesso a esta estrutura podia fazer-se a partir do vale, dos terrenos de cota mais baixa, mas era mais confortável aceder-se por cima, a partir de uma plataforma granítica onde se localizam as ruínas de uma pequena habitação rural contemporânea. Recentemente, no âmbito do processo de reabilitação arquitetónica da estrutura do Paço de Dona Loba, procedeu-se a escavações arqueológicas no interior da construção e na plataforma superior. As escavações no interior do Paço, dirigidas por Ricardo Teixeira e José Sendas (*Arqueologia & Património*), não forneceram dados muito conclusivos, embora tenham demonstrado que se procedeu ao corte dos afloramentos para se implantar a casa. Mas as sondagens na plataforma superior revelaram-se muito interessantes, tendo permitido identificar o alicerce de uma grande torre de planta quadrangular, parcialmente preservada nas construções contemporâneas. Os muros identificados revelam uma espessura de 2 m, superior à das paredes do Paço, o que revela que esta estrutura se elevava bastante mais do que o Paço. Apesar

Porta de entrada
(vista interior)



Porta de entrada
(interior) e arranque
dos arcos formeiros

das escavações terem sido interrompidas antes de se ter determinado a dimensão exata de um dos lados da torre, ela teria uma largura estimada na ordem dos 10 a 12 m. A identificação desta torre, com evidentes preocupações militares ou, pelo menos, de afirmação senhorial, veio revelar que afinal o Paço de Dona Loba é mais um exemplo do modelo da *Domus Fortis*, ou seja da casa fortificada, que se difundiu em Portugal a partir dos anos 70 do século XII.

Não sabemos quem esteve, verdadeiramente, na origem desta estrutura habitacional. A tradição, veiculada pelo Pe. António Carvalho da Costa, em 1706, e repetida à saciedade por todos os autores que se debruçaram sobre este paço, associa-lhe o nome de D. Loba Mendes de Gondar, que, de acordo com o *Livro de Linhagens* do Conde D. Pedro, casou com Diogo Bravo de Riba Minho. A cronologia para a vida desta senhora, que se deve enquadrar no século XII, revela-se demasiado recuada para continuarmos a repetir que a Torre de Mormilheiro tenha sido erguida por sua iniciativa. A menos que a torre, identificada

durante os trabalhos arqueológicos, tivesse precedido em mais de uma centúria a construção do Paço. E, nesse caso, a torre poderia ter sido iniciativa de D. Loba Mendes de Gondar e de seu marido, sendo o Paço resultado da intervenção de algum descendente seu. O certo é que os *milites de Gundar*, referidos amiúde nas Inquirições do século XIII, estiveram ligados à fundação do Mosteiro de Santa Maria de Gondar e tiveram uma atuação determinante no devir destas terras de riba Tâmega.

Texto: MJB - Fotos: MJB - Plano: MF (sobre SIPA-DGPC/RR/AR/JN)

Bibliografia

BARROCA, M.J., 1998a, pp. 39-103; BARROCA, M.J., 2000f, pp. 97-120; BARROCA, M.J. e SOTTOMAYOR-PIZARRO, J.A. (no prelo); CARDOSO, A., 1979; DUARTE, P.C.N.C., 2009, pp. 217-231; MACEDO, S.S., 2007, pp. 447-471; MACHADO, A.S., 1979; PMH, LL, 60A1, I2; ROSAS, L.M.C. *et alii*, 2014a, pp. 299-315; SILVA, J.B.P., 1996, pp. 17-21; SIPA.